



JOHN RUSKIN

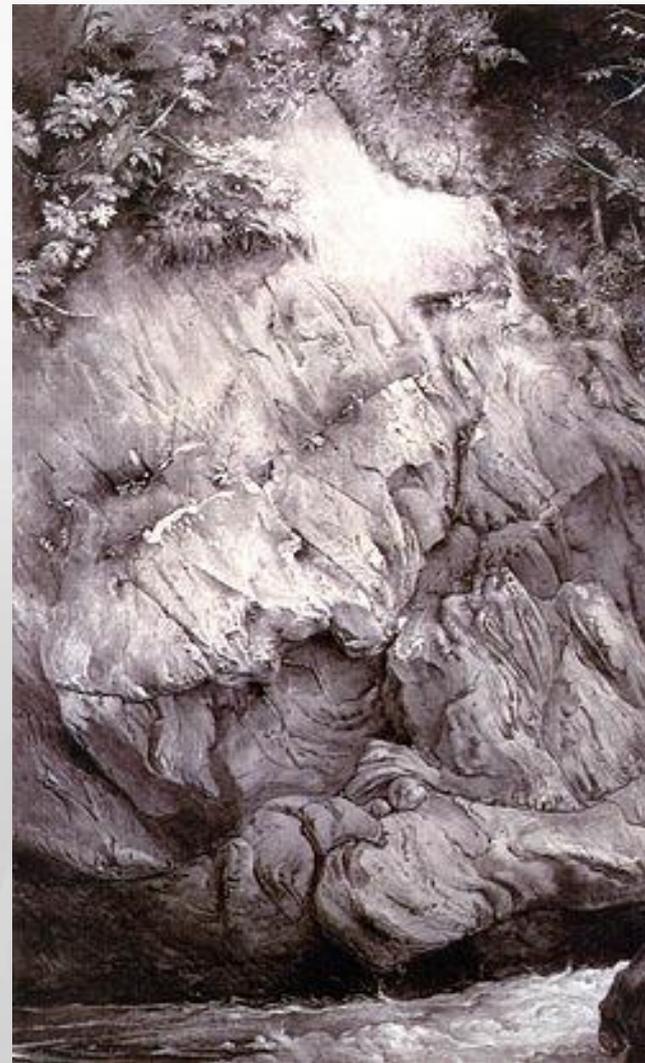
Londres, 8 de fev. 1819 – 20 de jan. 1900

- Contemporâneo a Viollet-le-Duc, mas com ideias totalmente antagônicas, encontramos o inglês John Ruskin (1819-1900) – escritor, poeta e crítico – representante da teoria romântica, ou da restauração romântica, que defende a intocabilidade do monumento degradado.
- Viveu em uma época de dicotomia entre os antigos costumes sociais e os emergentes decorrentes da Revolução Industrial, que devido ao seu acelerado desenvolvimento substituiu de forma gradativa o sistema de produção das manufaturas.
- Sua luta contra os efeitos nocivos da industrialização revelou sua forte ligação com a cultura tradicional.

- John Ruskin foi o principal teórico da preservação na Inglaterra do século XIX, foi um dos maiores e mais perspicazes críticos das profundas transformações por que passava então o país.
- Excêntrico, reacionário, intransigente inimigo da industrialização, Ruskin foi de fato um dos maiores expoentes da crítica romântica, de cunho socialista, à sociedade capitalista industrial e suas evidentes mazelas - miséria generalizada, injustiça social, inchaço urbano, destruição da natureza, entre outras.



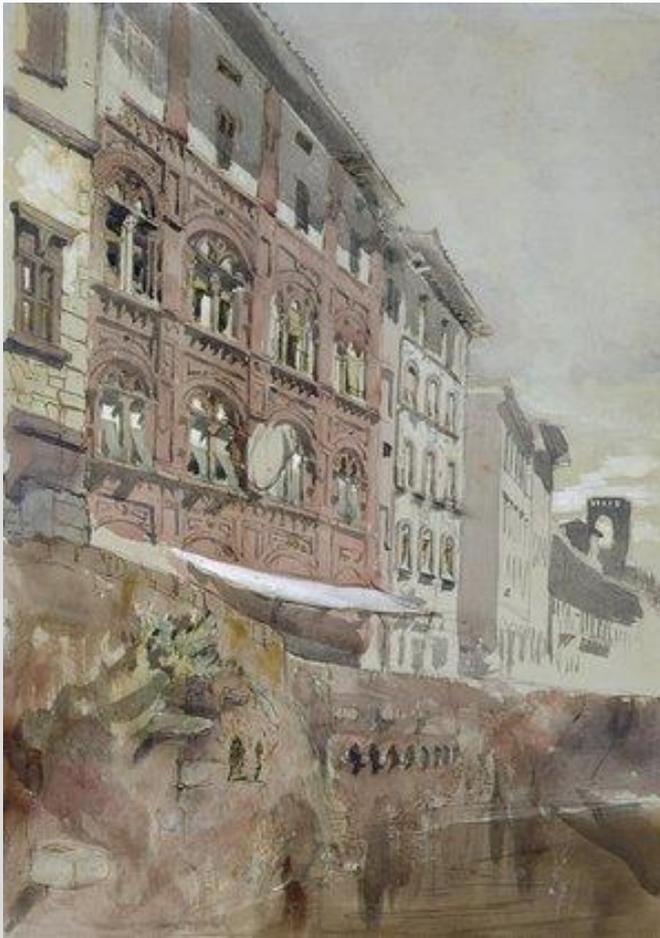
- Sua contribuição foi essencial para as reformas sociais, urbanísticas e de proteção ao meio ambiente, pouco a pouco conquistadas.
- Não menos importante do que a dimensão política do pensamento de John Ruskin é sua reflexão sobre o papel da arquitetura e sua preservação para a sociedade moderna; aspecto por vezes obscurecido pelo exacerbado romantismo oitocentista, do qual constitui um dos pilares.



Desenho em nanquin de John Ruskin. *Estudo de Gneiss Rock, Glenfinlas, 1853*. Ashmolean Museum, Oxford, Inglaterra

- Ruskin acreditava que a conservação da arquitetura do passado, como expressão de arte e cultura, nos permitiria entender a relação existente entre os estilos arquitetônicos e as técnicas construtivas como a resultante do fruto do trabalho de determinada cultura.
- A história dessas construções seria o veículo de comunicação dos processos de desenvolvimento cultural.
- Manter vivo o testemunho cultural do passado no cotidiano da cidade possibilita que os indivíduos identifiquem nos espaços urbanos e nos monumentos históricos, marcos referenciais de identidade e memória.

PENSAMENTO SOBRE PRESERVAÇÃO



Palazzo Agostini, Pisa"

- "Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história".

PENSAMENTO SOBRE PRESERVAÇÃO



- “Os monumentos de hoje, conforme Ruskin, devem possuir um valor histórico e os de épocas passadas devem ser conservados como nossa maior herança.”
- Uma expressão não se reproduz, pois as ideias são inúmeras e diferentes os homens; segundo os objetos de diferentes estudos, chegar-se-ia a inúmeras conclusões.
- “A restauração é a destruição do edifício, é como tentar ressuscitar os mortos. É melhor manter uma ruína do que restaurá-la.”

- John Ruskin aborda a Arquitetura Doméstica que segundo ele "dá origem a todas as outras".
- A casa, para ele teria um caráter quase de santidade, pois permeava dentro dela a essência, a vida e a história do homem que nela viveu.
- Considerava um mau presságio quando casas eram construídas para durarem apenas uma geração. O desprezo do homem a sua casa, conforme o autor, é um fenômeno precursor de outros males e desgraças.
- Já nos prédios públicos deveria sempre haver um propósito histórico em sua construção.
- Para Ruskin essas edificações oficiais deveriam "expressar de modo simbólico ou literal, tudo quanto é digno de ser conhecido sobre os sentimentos e realizações de uma nação."

- "quando construirmos, pensemos que estamos construindo para sempre. E não façamos para a nossa satisfação de hoje (...) Que nossa obra seja tal que os nossos descendentes nos agradeçam (...)", e que em algum momento, aquela edificação se tornará sagrada.

El Palacio Ducal



Fondaco dei Turchi, Venecia"

O Restauro - Para John Ruskin:

- "(...) significa a mais total destruição que um edifício possa sofrer: uma destruição no fim da qual não resta nem ao menos um resto autêntico a ser recolhido, uma destruição acompanhada da falsa descrição da coisa que destruimos."
- Deste modo, Ruskin considerava impossível restabelecer um monumento que foi grandioso e carregado de beleza, pois sua alma jamais poderia ser devolvida.
- É sustentado que outra época daria à edificação outro espírito, transformando-a em outra obra.

- O autor considera o restauro uma "necessidade destrutiva" e acreditava que se preservássemos nossos edifícios não seria necessário essa restauração.
- Esse processo de restauração resultaria em uma imitação da arquitetura passada, carregando em si uma réplica e um falso histórico, já que essa nova faceta pertenceria a uma nova época o tudo isso afetava sua autenticidade, seus valores evocativos e poéticos.

- Para Ruskin algumas intervenções até eram permitidas, porém, apenas para conservar a edificação.
- O autor aceitava pequenas obras de consolidação ("muletas").
- Quando as edificações perdiam sua utilidade, ele conformava-se frente à morte certa e natural que toda edificação teria um dia. Assim, o autor defende então a "morte" dos monumentos.



Torre de la catedral de Sens c. (1845)"